

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Veja Class.: 02

Data: 25/07/73 Pg.: 34

INDIOS

A grande lavoura

Os canelas e os guajajaras dividem, com pacífica sabedoria, um bucólico recanto às margens do rio Mearim, de águas quentes e limpas na altura da cidade de Barra do Corda no Maranhão. Lá eles se dedicam aos trabalhos rotineiros de índios civilizados, plantando e colhendo pouco, para sua alimentação, e fabricando peças de artesanato simples e colorido, para venda nas lojas especializadas do mundo civilizado.

As duas tribos, embora muito diferentes, cultivam um bem semelhante passado de lutas contra grileiros, diante dos quais sempre foram derrotadas, perdendo terras e benfeitorias. Mas na semana passada, depois de investigar várias denúncias recebidas, a Polícia Federal informou que os pacíficos canelas e guajajaras vinham deixando de lado o cultivo de seu artesanato para se dedicar ao muito mais rendoso comércio da maconha, cultivada com êxito jamais conseguido nas suas prosaicas plantações de milho, arroz e mandioca.

Naturalização — Penalmente irresponsáveis, os índios não sofrerão outra punição que não seja a destruição, já feita, das plantações. Mas os intermediários do rendoso negócio — que forneciam às tribos rádios portáteis, relógios e anunciavam, para pagamento de um próximo carregamento particularmente grande, a entrega de um automóvel Volkswagen — já foram detidos no Maranhão e no Ceará.

Em Brasília, fontes da Polícia Federal consideram que a destruição das plantações dos índios maranhenses vai afetar, pelo menos temporariamente, o consumo da erva em todo o país. Isso porque o produto, além de ser colhido em grande quantidade, já saía de Barra do Corda semi-industrializado, graças a modernas máquinas de que canelas e guajajaras se revelaram exímios operadores.

Na Universidade de Brasília registraram-se protestos de antropólogos e indianistas, que sustentam ser o uso da maconha entre os índios brasileiros tão comum quanto o de tabaco entre os civilizados.

Mas, como eles vinham plantando muito mais do que poderiam consumir, para dispor de reservas destinadas ao mercado, pode-se supor que a Fundação Nacional do Índio não cometeu violência ao permitir a destruição das plantações. Em caso contrário talvez fosse obrigada a alterar sua sigla para FUMAI e a atender uma avalanche de pedidos de civilizados interessados em naturalizarem-se índios para gozarem de sua liberdade de cultivo e consumo.